

O SOL QUANDO NASCE...

PRIMALUNA É UMA PEQUENA EMPRESA HOLANDESA QUE DEMOCRATIZOU O 'HIGHEND'. AO PRODUZIR O AMPLIFICADOR INTEGRADO PROLOGUE ONE, COLOCOU O SOM DAS VÁLVULAS AO ALCANCE DE (QUASE) TODOS.



Um amplificador a válvulas era até há bem pouco tempo (ainda é em certa medida), um símbolo de *status* social. As válvulas eram raras, autênticos objectos em vias de extinção, quais panteras que os ricos exibem como animais domésticos.

Quando uma tecnologia é substituída por outra, há sempre alguém que resiste, há sempre alguém que diz não. Assim surgem mitos e cultos em círculos restritos da sociedade. É o que se passa com o LP. O passado acaba por se tornar moda ciclicamente.

As válvulas foram salvas da extinção total pela acção dos fiéis, que lutaram para manter a chama viva, com partilha de experiências e projectos, quantas vezes montados pelos próprios em casa, e pelo fim da guerra fria, a queda do muro de Berlim e a abertura ao Ocidente da economia chinesa.

No Ocidente há muito que o transistor substituiu a válvula termiônica nos circuitos áudio. A indústria de armamento soviética considerava, contudo, que eram mais fiáveis em casos extremos, nomeadamente na presença de radiação atômica. Os famosos MIG, por exemplo, utilizavam válvulas em certos equipamentos de transmissão a bordo. Quando o império soviético ruiu, alguns fabricantes de equipamento áudio passaram a importar válvulas russas (Sovtek, etc.), jugoslavas (Svetlana, etc.) e chinesas (cópias baratas das famosas GE). Da escassez passou-se para a superabundância.

Nem por isso o preço dos amplificadores a válvulas baixou. São produtos «soldados à mão», de uma robustez quase artesanal, logo de difícil produção em linhas de montagem automatizadas, e que necessitam (com excepção dos OTL) de pesados transformadores para baixar a elevada impedância de saída. O estatuto de prestígio mitológico e a alegada superioridade na reprodução musical não são, hélas, consentâneas com preços

populares. Os famosos Audio Note Ongaku utilizam fio de prata no enrolamento dos transformadores e custam dezenas de milhares de euros. E os Wavac SH-833 atingem uns obscenos 300 000 euros!...

Cheio, luxuriante, requintado, luminoso, envolvente, líquido, transparente, «humano» são atributos clássicos do som das válvulas, algo que os detractores garantem não ser mais que o efeito «hipnótico» da luz aliada à distorção de segunda harmónica sobre mentes demasiado crédulas. Será então tudo uma questão de fé?

Pergunte isso a alguns dos mais famosos guitarristas mundiais que não dispensam o amplificador a válvulas. Eles dir-lhe-ão que, além da tonalidade única do som, as válvulas resistem melhor à sobrecarga. Ou seja: distorcem com classe!...

Razões técnicas têm sido avançadas para a alegada superioridade do som das válvulas. A saber: os electrões transmitem-se melhor no vácuo (ou gás) que em pastilhas de estado sólido; a resistência à sobrecarga e a conjugação harmónica, como sucede com certos instrumentos musicais (os grandes órgãos de catedral, por exemplo); a acção isolante do transformador que protege o andar de saída do ruído induzido pela fonte de alimentação; ou, à revelia da ortodoxia reinante, até a elevada impedância de saída e consequente baixo factor de amortecimento – Nelson Pass *dixit* – rouba tensão mas confere riqueza harmónica aos registos graves.

No áudio como na vida aprende-se «dando cabeçada», para utilizar uma expressão brasileira. De pouco serve aos pais aconselharem os filhos. Só se aprende com base na experiência: é preciso ouvir. Os conselhos, leia-se críticas, são úteis apenas como guias de audição. No caso do Prologue One, quando o teste já dispunha das opiniões publicadas pela crítica internacional. A verdade é que mais ou menos eufemismo, mais ou menos entusiasmo, mais ou menos rasgo técnico e/ou literário e a inevitá-

vel água benta, a minha «audição» não difere muito dos meus ilustres: a objectividade pode resultar de um conjunto de subjectividades coincidentes.

PRIMALUNA PROLOGUE ONE. Pelos padrões audiófilos a relação qualidade de construção/preço do Prologue One é assombrosa. Nem os kits de montar em casa sobre a mesa da cozinha saem mais baratos. E, ao contrário destes, o resultado final é tudo menos tosco: os materiais e acabamentos, incluindo a pintura metalizada de um negro esverdeado, são superiores aos de modelos de outras marcas três vezes mais caros. O design é sóbrio e sem influências *kitsch*: a grelha protectora, por certo inspirada na máscara de Darth Vader, e a cobertura estilizada dos transformadores, tudo contribui para um elevado valor percebido que contradiz o preço real: 1 190 euros. As fichas douradas e os bornes com protecção plástica são da última geração. Esta apreciação é extensiva ao funcionamento: sem sopro, clics, pops, ou outros ruídos de comutação e com um potenciômetro Alps suave e eficaz. Isto só é possível porque o seu criador, o holandês Herman van den Dungen, os manda construir na China. O circuito não tem nada de inovador: é um amplificador clássico do tipo *push-pull* com válvulas EL34 no andar de potência (o modelo Prologue Two utiliza válvulas KT88) que no limite debitam 40W (8ohm) ou 36W (4ohm). Os watts dos amplificadores a válvulas são como os cavalos dos motores a diesel – têm mais «força».

Na audição o Prologue One revelou a origem genética e a influência do cromossoma EL34: um som «romântico», típico dos anos 70, encorpado, expansivo, com um grave algo redondo e enfático, um agudo que se liquefaz à medida que aquece, e a proverbial gama média que parece derramar chocolate quen-

te sobre a música. As vozes têm a presença e a tal «humanidade» que justificam a crítica recorrente nos meios audiófilos de que os transistores soam «mecânicos» por comparação. O Prologue One consegue juntar a isto uma sensação subjectiva de poder nos registos médio-graves que resulta num inusitado sentido rítmico. Para obter os melhores resultados convém acasalá-lo com colunas adequadas. No meu caso, utilizei um par de Sonus Faber Concertino, que são fáceis de alimentar, tendo como fonte o Sony XA777es. Prefiri a saída de 4ohm, que «abre» e dá «bouquet» ao som, ainda que prescindindo de alguma potência: meia-dúzia de watts chegam, contudo, para encher uma sala pequena de música. Em esforço a voz «endurece» um pouco roubando carisma aos registos-médios. Assim, quanto mais eficientes forem as colunas, melhor será o resultado.

Os amplificadores a válvulas são como os charutos: devem ser apreciados com calma, sem criar demasiadas expectativas, de preferência, na companhia de bons discos, bons livros e bom *cognac*. Dispensam a lareira: é um som que primeiro se estranha e depois se estranha, na alma e nos ossos. Se isto é o prólogo (e o Prologue Two é ainda melhor) fico excitado só de pensar no epílogo...

Nota: Em Lisboa, o(s) Prologue actua(m) no palco da Delmax (Rua da Madalena, 237, 1ºDt. (21 879 115), no Porto, exibem-se na Imacústica, Rua Duque de Saldanha, 424 (22 537 73 19). Vá ouvi-los num dia de chuva. ■■

José Victor Henriques

www.hificlube.net